



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA E EDUCAÇÃO CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



JOANA GOMES DA SILVA LIMA

**A relação entre teoria e prática no ensino de Língua Inglesa no
Ensino Médio de uma escola pública: a necessidade da implementação
de uma prática oral cotidiana**

JOANA GOMES DA SILVA LIMA

MAMANGUAPE-PB 2021

A relação entre teoria e prática no ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio de uma escola pública: a necessidade da implementação de uma prática oral cotidiana

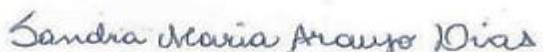
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa, defendido e aprovado pela banca examinadora, constituída pelas seguintes professoras:

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB

(Orientadora)



Profa Dra Sandra Maria Araújo Dias – UFPB

(Membro da banca examinadora)



Profª Mª Sandra Carla Pereira Barbosa – PMCG

(Membro da banca examinadora)

MAMANGUAPE-PB 2021

A relação entre teoria e prática no ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio de uma escola pública: a necessidade da implementação de uma prática oral cotidiana

Joana Gomes da Silva Lima – Universidade Federal da Paraíba – joanag.lima@outlook.com

Profª Drª Juliene Paiva de A. Osias – orientadora – UFPB –
julieneosias@gmail.com

Profª Drª Sandra Maria Araújo Dias – UFPB –
sandra@ccae.ufpb.br

Profa Ma Sandra Carla Pereira Barbosa – PMCG –
polo.campinagrande@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa simples sobre o cenário atual do ensino da Língua Inglesa (LI) na Escola Pública (EP), especialmente no Ensino Médio (EM). Através desta pesquisa buscamos compreender como são as aulas de Língua Inglesa (LI), nosso objetivo é observar a relação entre a teoria e a prática oral existente nas aulas. O ensino da língua inglesa em escolas públicas sempre apresentou desafios. Hoje já temos algumas facilidades, como acesso à tecnologia e formas de aprimorar ainda mais esse aprendizado. Mas, na escola pública, as aulas de inglês envolvem mais teoria do que prática, e isso pode justificar o atraso no aprendizado dos alunos, claro, isso depende muito do interesse de quem compõe o processo ensino-aprendizagem. Partindo desse pressuposto, decidimos entender como são as aulas e como os alunos estão se saindo em relação à prática oral. Na verdade, alunos que não têm o hábito de praticar a língua estrangeira que estão aprendendo, e a escola é o lugar onde podemos cultivar esse aprendizado, professores e alunos devem manter uma interação maior e desenvolver aulas espontâneas. Pensando nisso, decidimos perguntar aos alunos se gostariam de ter aulas diferentes e com uma metodologia mais espontânea, onde todos participassem das aulas, conversando e interagindo mais. Para tanto, baseamo-nos nos seguintes autores: Barcelos (2006) Cavalcanti; Moita Lopes (1991) Leffa (1999) Lima; Luquetti; Souza (2014) Martins (1997), Libâneo (2001).

Palavras-chave: Ensino da língua inglesa. Escola pública. Prática oral. Teoria.

ABSTRACT

This article is the result of a simple research on the current scenario of teaching English Language (LI) in Public School (EP), especially in High School (EM). Through this research we seek to understand how the English Language (LI) classes are, our objective is to observe the relationship between theory and oral practice existing in the classes. Teaching the English language in public schools has always presented challenges. Today we already have some facilities, such as access to technology and ways to further improve this learning process. But, in public schools, English classes involve more theory than practice, and this can justify the delay in student learning, of course, this depends a lot on the interest of those who make up the teaching-learning process. Based on this assumption, we decided to understand how the classes

are and how the students are performing in relation to oral practice. In fact, students who are not in the habit of practicing the foreign language they are learning, and school is the place where we can cultivate this learning, teachers and students must maintain greater interaction and develop spontaneous classes. With this in mind, we decided to ask students if they would like to have different classes and with a more spontaneous methodology, where everyone participates in classes, talking and interacting more. For that, we base ourselves on the following authors: Barcelos (2006) Cavalcanti; Moita Lopes (1991) Leffa (1999) Lima; Luquetti; Souza (2014) Martins (1997), Libâneo (2001).

Keywords: English language teaching. Public school. Oral Practice. Theory.

1 INTRODUÇÃO

Analisando a conjuntura do ensino da Língua Inglesa anterior e o atual, vemos que existiam algumas deficiências as quais ainda se repetem. A Língua Inglesa (LI) chega ao Brasil de forma gradativa e apresentando alguns problemas com relação ao ensino-aprendizagem. Segundo Leffa, a Família Real chegava aqui em 1808, logo, viu-se a necessidade da utilização de línguas modernas para firmarem acordos comerciais e tantos outros negócios. Assim, com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e com a Reforma de 1855, começou a evoluir o ensino de línguas modernas. “A metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de textos e análise gramatical.” Leffa (p.13-24, 1999). O problema no ensino da Língua Inglesa (LI) no Brasil é bem antigo. O erro que falamos consiste em esquecer da importância que é prática oral do idioma que estamos aprendendo, é a principal habilidade de que necessitamos para nos comunicar.

Segundo Tílio (2014), na década de 1990, o ensino de Línguas Estrangeiras (LE) na Escola Pública (EP) não tinha perspectiva de melhorias. Sendo assim, em meio a um movimento, foi feita uma implementação de novas políticas públicas e a elaboração de um documento importante.

(...) À elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, os PCN-LE (Brasil, 1998). O documento inovou ao reconhecer duas perspectivas que devem embasar o ensino de língua estrangeira na educação básica: uma educacional e outra pragmática. O documento, por ter como alvo a escola pública, reconhece as limitações de infraestrutura desta e propõe que, para que ambas as perspectivas sejam minimamente contempladas, o foco do ensino deva recair em apenas uma das quatro habilidades linguísticas enfatizadas pela abordagem comunicativa. (TÍLIO, 2014, p.926).

Tendo em vista os muitos questionamentos acerca do aprendizado dos alunos da escola pública a respeito da disciplina de Língua Inglesa (LI), decidimos observar como está funcionando a relação entre teoria e prática oral, no sistema público educacional, em especial, no Ensino Médio (EM). Nossa intenção é saber como alunos e professores se comunicam em sala de aula, se eles facilitam a comunicação em Língua Inglesa (LI), ou se a distanciam, aproximando-se apenas da teoria. Assim como disseram LIMA; LUQUETTI; SOUZA (2014, p.94), a oralidade é primordial para o aprendizado de uma Língua Estrangeira (LE). Partindo do pressuposto sobre a importância da oralidade, sabemos que uma boa metodologia deve envolver todas as habilidades. David (2016) ressalta, é necessário saber quais as estratégias são utilizadas pelos professores de LI da rede pública para chamar atenção dos alunos sobre o aprendizado de LI.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), passa a ser obrigatório o ensino de uma LE estrangeira moderna a partir da 5^a série do Ensino Fundamental (art. 26, § 5º). Porém, é no Ensino Médio (EM) que os jovens encaram com mais seriedade o papel da escola. Normalmente, é nessa fase que eles começam a ter noção da importância e necessidade de cada disciplina. A Base Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) ressalta que as escolas de Ensino Médio (EM) devem ensinar e proporcionar experiências aos jovens, transformando-os em sujeitos responsáveis, críticos e criativos, conduzindo-os para a realidade e novos desafios. Ou seja, o professor tem que demonstrar na prática como será a realidade desses alunos ao saírem do Ensino Médio (EM). Sabemos dos desafios que englobam o ensino aprendizagem da LI no ensino público brasileiro e, por isso, temos que encontrar possíveis respostas e tentar, de alguma forma facilitar esse processo.

A BNCC (BRASIL, 2018) nos mostra um norte de tudo aquilo que é necessário para elaborarmos propostas de ensino para o desenvolvimento do aluno em todos os pontos, inclusive, o eixo da oralidade descreve a importância de sabermos nos comunicar em Inglês, priorizando sua função social. Martins (1997, p.115) fala sobre a teoria de Vygotsky e cita bem como a fala e a interação desempenham bem a troca de experiências e ideias:

A fala, uma das formas de linguagem através da qual os significados sociais são compreendidos e acordados, encontra-se permeada por expressões afetivas que se tornam igualmente alvo das interações: preferências, antagonismos, concordâncias, simpatias e antipatias. A ação e a fala unem-se na coordenação de várias habilidades, entre elas o pensamento discursivo.

Temos muitas maneiras para facilitar o aprendizado dos alunos. Por esse motivo, necessitamos de uma transformação na metodologia e no planejamento das aulas de LI no ensino público. É preciso avaliar como poderíamos introduzir a prática no ensino de LI na rede pública de ensino, de maneira que essa fosse aliada à teoria, tornando, assim, um ensino mais eficiente e colaborativo. Martins (1997) ainda acrescenta e diz que, a partir da interação, constrói-se o conhecimento. Depois, esse conhecimento adquirido será intrapessoal. Assim, no contexto escolar, as interações irão proporcionar a prática oral, aproximando os alunos da realidade social e da língua que estão aprendendo. David (2006, p 28) discorre:

Para tanto, o ideal para o ensino seria a organização do ambiente que é a base para que o aprendiz se sinta estimulado à aprendizagem. O inglês, como um rico idioma que transita em vários mundos, requer do professor um trabalho de mediador, mediante o qual possa levar o aluno ao mundo da descoberta, da motivação, do querer entender e buscar, onde o mesmo possa ser a peça-chave de seu desenvolvimento.

Estimular o aprendizado é buscar maneira de melhorar e inovar, sempre. Para tanto, é necessário que o professor de Língua Estrangeira (LE) seja pretencioso no objetivo de transmitir e descobrir juntamente com o aluno o quanto interessante é poder entender uma outra língua, além disso, saber se comunicar com pessoas do mundo todo é privilégio que poucos têm, tendo em vista que muitas vezes o Inglês ainda é elitizado. Diante das oportunidades que nos são oferecidas, devemos providenciar mais medidas que sejam complementares aos meios que já possuímos, assim, poderemos mudar a situação de muitos alunos que não têm muitas chances para um ensino de qualidade, mas existe pessoas que se capacitam para melhorar a situação. Logo, precisamos trabalhar e nos unirmos para promovermos uma situação favorável para o ensino-aprendizado, principalmente na comunicação oral de Língua Inglesa (LI).

Queremos chamar atenção dos professores de língua estrangeira, para que eles percebam que a melhor maneira de ensinar uma LE é praticando oralmente. Nós, que fomos e somos alunos de Escolas Públicas (EP), fazemos parte de um grupo que não temos muitos materiais bons para o aprendizado, mas, tentamos driblar essa situação, e sentimos que existe uma carência quando o assunto é saber falar em Inglês.

Através deste estudo, queremos enfatizar a importância da prática oral nas aulas de Língua Inglesa (LI) observar a relação entre o ensino da teoria e a prática na disciplina de Língua Inglesa no Ensino Médio de uma escola pública, atual; discutir a importância da prática no aprendizado de uma língua estrangeira; enfatizar que as atividades devem focar na prática

oral, também, implementando uma didática diferenciada em cada aula, muitas vezes são atividades com assuntos bons, mas, a maneira como é abordado pode ser mais dificultosa.

Polidório (2014) falava sobre os problemas na conjuntura do ensino de LI e ainda hoje podemos encontrá-los. Por mais investimentos que recebamos por parte das políticas públicas e do governo, dificilmente o tempo de aula e a quantidade de alunos irão mudar. A escola pública sempre terá muitos alunos, o Brasil é um país desenvolvido, mas, quando o assunto é educação, infelizmente, em alguns Estados, não há um bom desenvolvimento. Ou seja, se a espera for para que o tempo de aula seja maior e salas com poucos alunos, não sabemos quando teremos essas mudanças. Por isso, temos que nos adequar à realidade.

Nossa intenção não é procurar culpados, mas utilizar o que temos para tentar mudar um pouco essa ideia de que a escola regular ensina um “Inglês de faz-de-contas”. Para a solução desse problema, temos que contar com todos aqueles que fazem parte desse trabalho. Como Santos (2011) diz, para que o ensino de Inglês no Brasil seja eficaz, temos que nos unir, e trabalhar traçando perspectivas de melhorias.

2 PRÁTICA ORAL E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Escolhemos falar desse tema porque sabemos das dificuldades e desafios, com relação à introdução do *speaking* (prática oral) nas aulas da EP. São dificuldades que os professores relatam, e algumas mais citadas são: materiais didáticos não muito bons para trabalhar e complicado para os alunos entenderem. Além disso, a quantidade enorme de alunos, segundo eles, atrapalha para que eles possam abordar os assuntos e dificulta a interação. Porém, necessitamos de uma adequação, e não do afastamento da realidade. A necessidade de inovar é um ato de relevância quando o assunto é o aprendizado de LE. De acordo com Zolnier (2017), “o interesse em uma atividade a transforma em significativa para o aprendiz” (apud BOEKERTS, 1999, p.42).

Segundo Lima; Luquetti; Souza (2014, p. 91),

[...] O discente deve ser motivado a vivenciar situações próximas às ocorrências cotidianas, para que comprehenda como atuar e administrar situações efetivas de comunicação. Nesse contexto, o professor deve utilizar técnicas e expressões que facilitem a aprendizagem dos alunos. Assim, o educando precisa de ter contato com a língua em questão, por isso o docente deve utilizá-la em sala de aula – mesmo que tal uso não seja durante todo o tempo – a fim de oferecer tal oportunidade aos alunos. Deve-se explicar a gramática utilizando a própria língua inglesa, além de elucidar tarefas e estabelecer comunicações cotidianas entre aluno/professor e aluno/aluno.

Mediante a revisão bibliográfica e nossa pesquisa, queremos deixar claro que, o ensino de LI no âmbito escolar público sempre apresentou alguns problemas na maneira com que era ensinado, por esse motivo é necessário proporcionar um ensino de qualidade, onde possamos concentrar a união de teoria e prática oral, prezando pelo enfoque comunicativo e que esteja presente em todas as aulas e atividades. O ensino-aprendizado é a união de transmissão e aprendizado, logo, para aprendermos algo é necessário que tenhamos o conhecimento teórico e a prática aliada a esses estudos.

Decidimos entender como podemos relacionar o atraso do aprendizado na Língua Inglesa (LI) com o excesso de teoria e a falta de prática. Nesse caso, queremos relacionar essas duas formas de ensino e saber qual é o impacto que os alunos sofrem ao aprender somente teoria. Se os alunos só aprendem conteúdo relacionado a teoria, eles não vão desenvolver suas habilidades linguísticas. Moita Lopes (2009, p.18) afirma: “Ao compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, a Linguística Aplicada (LA) passa a ser formulada como uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula (...).”

Antes, realmente, alguns alunos demonstravam desinteresse, quando, de fato, não tínhamos acesso a praticamente nada, nem mesmo a um celular, o qual, hoje, nos ajuda bastante nas questões de aprendizagem. São inúmeros aplicativos que conectam as pessoas do mundo todo, que ajudam nas habilidades linguísticas e traduções. Leffa (1999) destaca bem como funciona a junção de professor e tecnologia, engrandecendo a importância de cada um, muito mais do professor, que sempre será mediador e orientador: “As novas tecnologias não substituem o professor, mas ampliam seu papel, tornando-o mais importante. A máquina pode ser uma excelente aplicadora de métodos, mas o professor precisa ser mais do que isso.” Leffa (p.13-24, 1999).

Hoje, vivemos em um mundo onde a predominância da tecnologia é muito presente, e isso faz com possamos abusar disso para o nosso aprendizado. Temos muitos aplicativos que podem nos ajudar a melhorar em todas as habilidades, inclusive o *speaking* (fala) que é nosso foco. E, desenvolvendo a habilidade linguística, com certeza iremos desenvolver as demais, *listening* (ouvir), *reading* (ler) e *writing* (escrever). Será que não poderíamos tentar introduzir outras maneiras de ensino com o tempo que temos, trabalhando cada habilidade em cada aula? Por que professores de outras disciplinas conseguem ensinar os assuntos de sua disciplina a todos os alunos e o professor de LI não consegue conversar ou fazer uma prova oral com todos eles? É claro que queremos melhores condições para oferecer um ensino melhor, mas, enquanto

melhorias significativas não vêm, é necessário continuar nessa empreitada com as ferramentas e condições disponibilizadas. O ideal seria mudarmos essa história de que o ensino regular é um faz-de-conta.

[...] O cenário é de malogro: lugar de alunos que não aprendem, de professores que não sabem a língua que ensinam, de pais que não se preocupam com a educação dos filhos e de metodologias que não funcionam. Nela, o ensino de inglês é uma história de faz-de-conta, encenada por professores invisíveis. (COX; PETERSON, 2017, p.10).

A língua Inglesa é uma ferramenta muito importante para a comunicação, por isso não deve se caracterizar apenas como uma simples disciplina, mas, sempre devemos chamar atenção para a importância do aprendizado dessa língua. Mesmo que a escola pública não disponha de muitos recursos, ou ainda que sejam recursos simples, os professores devem investir em atividades que possibilite a interação e a introdução de recursos tecnológicos, juntando teoria e prática. As aulas devem ser dinâmicas, apresentando metodologias interessantes e com conteúdos facilitados que chamem a atenção dos alunos sobre o quanto é interessante saber se comunicar em outra língua e conhecer outras culturas. A disciplina de Inglês é diferente das demais, ela exige muita prática, e saber pelo menos o básico é essencial, pois se trata de uma língua internacional muito exigida.

A maior dificuldade para a rede pública de ensino é conseguir implementar uma aula de Língua Inglesa (LI) que leve o aluno a se comunicar socialmente. Queremos deixar evidente que a ressignificação das aulas pode trazer uma mudança significativa, pois, se temos um problema no ensino público referente a esse atraso ou não no aprendizado da LI, é necessário buscar a solução. Antes, já se percebia que a conjuntura atual não traria tantos resultados. “O objetivo do ensino de qualquer língua estrangeira deve ser a comunicação oral. Partindo desse pressuposto, o trabalho nas escolas, na atual conjuntura, não atingirá esse objetivo” (POLIDÓRIO, 2014, p. 345).

Queremos traçar um modo de unir teoria/prática, fazendo com que apareçam nas aulas e sejam desenvolvidos pelos professores e alunos. A introdução de atividades que envolva todos os alunos, mesmo que sejam em um número grande, esses mesmos alunos aprendem o conteúdo de outras disciplinas. A ideia é tornar as aulas de LI mais eficientes e diferenciadas, dessa forma poderemos desenvolver bons resultados. Assim como Cavalcanti; Moita Lopes (1991, p.136), decidimos investigar como corre o ensino-aprendizado, ou seja, como o professor ensina e como aluno aprende, assim, poderemos entender como os processos interativos acontecem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa foi de caráter qualitativo, pesquisa bibliográfica e básica. Não foram sugeridas nenhuma atividade ou mudança total da metodologia utilizada pelos professores de LI, apenas, enfatizamos o que seria necessário acrescentar para obter maiores resultados no aprendizado dos nossos alunos. Essa pesquisa visou saber dos alunos do EM, como estava o aprendizado deles com relação a LI, e se eles gostariam de algumas mudanças na metodologia. Nossa pesquisa básica foi analisada conforme Godoy (1995) nos descreve “A utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.” Fizemos uma observação de como estava sendo desenvolvido o nosso objeto de estudo, após essa avaliação, observamos o problema e selecionamos os materiais. Os materiais retratam a realidade do ensino atual, apresentam informações sobre os problemas de antes e que ainda ocorrem atualmente.

Para entendermos o motivo pelo qual a escola pública apresenta falhas em relação ao aprendizado de uma LE, buscamos materiais que ressaltam a importância da oralidade da LE que estamos aprendendo. Sendo assim, buscamos materiais que falam sobre o aprendizado da LI como algo significativo. Nossa organização foi feita da seguinte forma:

- Artigos que falam sobre a metodologia utilizada para o ensino de LI.
- Artigos que ressaltam a importância sobre a potencialização no ensino de línguas estrangeiras.
- Materiais que foram publicados abordando a relevância da tecnologia para o ensino aprendizagem da LI, enfatizando a importância do professor como mediador e transformador.
- Artigos que enaltecem o valor das interações orais e comunicação no idioma que estão aprendendo.

Não criamos nenhuma metodologia especial e diferenciada, apenas, gostaríamos de propor a todos, uma prática oral mais presente em sala de aula. . Para LIMA; NUNES; VIEIRA (2007), as pesquisas sempre são importantes e terão relevâncias para o conhecimento. “Os resultados dessas pesquisas são hoje de importância crucial a outras áreas do conhecimento, seja diretamente, seja como motor de aceleração”. Mesmo que se trate de uma pesquisa básica, ela terá grande valia para pessoas que desejam entender o porquê de os alunos da EP quase nunca aprendem o Inglês falado, não só hoje, mas o que já ocorre há anos, isso é uma oportunidade para esclarecermos que a metodologia faz diferença para o ensino-aprendizado.

Na tentativa buscarmos maneiras fáceis para implementar a prática oral da LI nas aulas da EP, levamos em consideração alguns trabalhos que já citavam que esse era um problema

antigo, por não haver uma prática oral do idioma estudado, muitos alunos saem da escola sem saber falar praticamente nada, ou apenas, palavras isoladas. LIMA; LUQUETTI; SOUZA (2014) falam sobre a importância do desenvolvimento das aulas de língua inglesa, e ressaltam que a competência oral é a que menos se trabalha em sala de aula. Os alunos de escolas públicas, muitas vezes, não têm a chance de aprender a se comunicar em Inglês, a elitização desse idioma ainda é encontrada. A EP não tem a obrigação de ensinar o aluno a falar Inglês, é uma disciplina, apenas, regulamentada, infelizmente, essa ideia que muitos ainda têm. Por esse motivo, não temos o hábito de interagir nas aulas da EP. Libâneo (2001) faz uma citação importante acerca da interação.

“A educação está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores etc.” (LIBÂNEO, 2001. p. 7).

O professor que junta conhecimentos técnicos, habilidades que aprendeu, experiências próprias, e a tecnologia aliada a tudo isso, certamente ele será um grande profissional, que oferecerá aos seus alunos maneiras facilitadas para o aprendizado significativo. Às vezes, o professor de LE caminha sozinho, é difícil encontrar uma maneira que possa mostrar e sustentar a real importância das aulas de Línguas Estrangeiras. A falta de recursos, materiais adequados, a quantidade de alunos e sobrecarga com muitas turmas. Assim como um todo, professor e disciplina são desvalorizados. Isso causa impacto no ensino-aprendizado e tudo se resume ao atraso no desempenho de aprender uma segunda língua.

A estratégia de ensino e a avaliação do aprendizado da disciplina poderá trazer um renovo para as aulas de LI na EP, “(...) entende-se que o crescimento profissional só se dá através da crítica, um processo dinâmico, que é desenvolvido através do conhecimento reflexivo por parte do professor sobre sua própria prática.” (CAVALCANTI; LOPES, 1991, p.139-140).

O aprendizado de um novo idioma requer muita atenção e competência, é um aprendizado lento e que exige bastante trabalho, por esse motivo, professores e alunos devem sempre inovar e buscar melhorias, não esquecendo que a comunicação oral é muito necessária. A fala é uma das formas de linguagem que mais nos aproxima de tudo aquilo que queremos expressar, no dia a dia, falamos muito, nos comunicamos por vários meios, mas a fala é sempre a mais utilizada, é uma das formas que mais interagimos.

“A fala, uma das formas de linguagem através da qual os significados sociais são compreendidos e acordados, encontra-se permeada por expressões afetivas que se tornam igualmente alvo das interações: preferências,

antagonismos, concordâncias, simpatias e antipatias. A ação e a fala unem-se na coordenação de várias habilidades, entre elas o pensamento discursivo” (MARTINS, 1997, p.115).

Temos visto o avanço da globalização e da tecnologia, nesse mesmo cenário, era para encontrarmos um bom número de alunos falantes da língua inglesa, ou que pelo menos soubessem o básico. Porém, mesmo com as exigências do mundo globalizado, temos pouquíssimas pessoas que entendem o básico da língua inglesa. Às vezes, as ineficiências estão nos lugares onde deveriam estar as soluções. Uma aula de LE deve ser aplicada no idioma que desejam aprender, a introdução e a interação são fundamentais, mesmo que sejam utilizadas pequenas frases, mas é importante manter esse contato com a língua que estão estudando. Falar sobre tudo que eles escrevem, o professor deve ser criativo, podendo utilizar as ferramentas disponíveis e necessárias para a busca de uma interação. Martins (1997), apoiado no que Vygotsky defendia sobre as interações, ele diz:

Cabe ao professor transformar tecnologia em aula socialmente construtiva, sucata em "material de ponta", conhecimento espontâneo em conhecimento científico, mundo encoberto em mundo revelado, e tudo o mais que proporcione o reconhecimento e o encantamento com a vida pessoal e a vida social dos grupos refletidos na sala de aula por meio da presença dos alunos e mesmo do professor que, de repente, descobre sua própria vida em meio à vida de seus alunos (MARTINS, 1997, p.121).

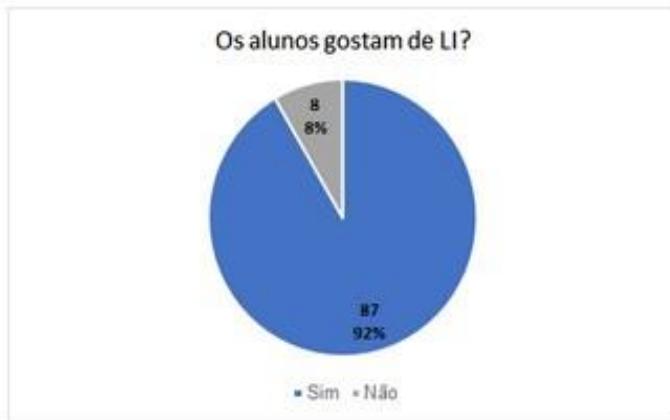
Fizemos uma pesquisa com os alunos do Ensino Médio, elaboramos questionários *online*. Com a aplicação dos questionários, conseguimos entender como está a relação entre teoria e prática oral, e alguns outros questionamentos. Com a ajuda de uma professora que leciona no Ensino Médio de duas escolas públicas, localizadas nos Estados de Pernambuco e Paraíba, pude desenvolver minha pesquisa, foram elaboradas questões de forma bem simples e objetivas. Ao todo, 95 alunos responderam nossa pesquisa qualitativa de caráter exploratório, as perguntas foram sobre a avaliação e experiências dos alunos do EM, com relação ao ensino da Língua Inglesa na Escola Pública.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, faremos a análise das respostas dos alunos, iremos observar quais que o ensino de LI de antes e o atual, pois, vimos que, antes, o que mais se trabalhava em sala de aula nas aulas era a teoria, logo, as perguntas que elaboramos são sobre o nível de aprendizado dos alunos, metodologia e se eles gostariam de mudanças na metodologia.

Gráficos informativos:

Gráfico 1 – Os alunos gostam de LI?



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Como podemos ver, a maioria dos alunos gostam da disciplina. Isso é muito bom, pois, apesar das dificuldades de trabalhar em salas de aulas com muitos alunos, quando temos a atenção da maioria é melhor para desenvolver uma interação para o aprendizado real de um novo idioma. Outro ponto, a tecnologia, tão necessária e preferida por muitos, é uma excelente maneira de ensinar e conquistar os alunos, além de ser mais fácil para abordar os assuntos da disciplina de LI. Barros; Siqueira (2013) salientam que o Inglês é a língua da tecnologia. Realmente, ensinar qualquer idioma sem o auxílio da tecnologia é bem difícil.

O segundo gráfico teve como foco acerca das aulas de língua inglesa, de acordo com a metodologia. A pergunta foi sobre metodologia, se eles gostam das aulas quando são utilizados recursos tecnológicos ou apenas com atividades escritas, 68% dos alunos gostam quando são utilizados recursos que enriquecem nosso aprendizado. Os aplicativos, celulares, computadores e tantos outros meios, nos ajudam muitos nas questões de pronúncia e compreensão. É mais um ponto positivo para implementarmos cada vez mais o uso da tecnologia para o aumento do interesse deles.

Gráfico 2 – Aulas mais interessantes para os alunos



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

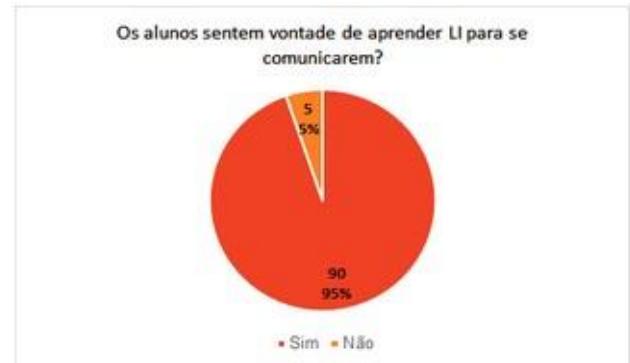
As próximas perguntas já irão abordar questões ainda sobre a metodologia, oralidade e como está o desempenho deles. A questão do gráfico 3 é sobre a oralidade, perguntamos se eles sabiam falar frases básicas em Inglês. Infelizmente, apesar de grande maioria dizer sim, ainda temos outra porcentagem que não sabe nada, isso é preocupante pois estamos falando de alunos de anos finais, alunos que já tiveram contato com a disciplina de língua inglesa no ensino fundamental. A nossa insistência em falar nesse assunto de o porquê o aluno de escola pública estuda e não aprende o Inglês falado é confirmada nossa hipótese nessas respostas.

Gráfico 3 – Nível do aprendizado



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Gráfico 4 – Aprendizado da língua



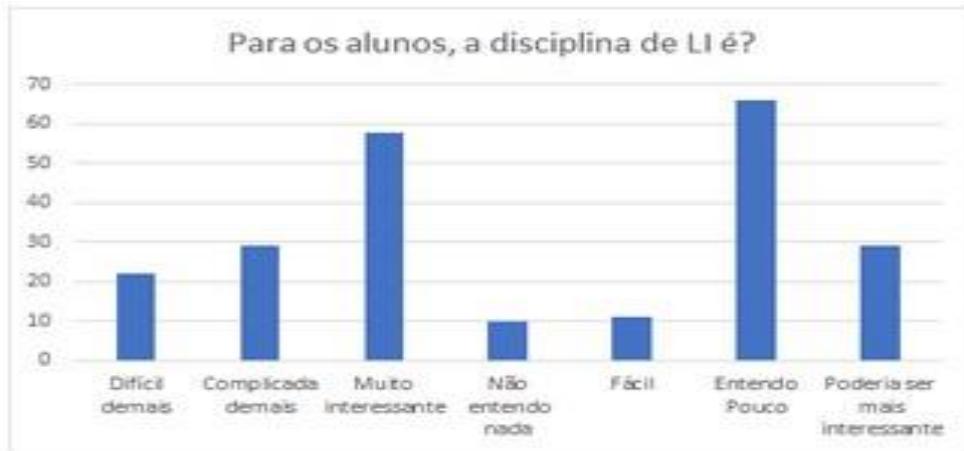
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Para relacionarmos os Gráficos 3 e 4, perguntamos se eles gostariam de aprender o Inglês para se comunicarem, a resposta dos alunos foi muito positiva e eles demonstraram muito interesse para essa implementação de aulas que abordem a oralidade com mais frequência, eles sentem que falta aprender a falar bem e com uma frequência maior. A prática oral é melhor

maneira para aprender o Inglês do dia a dia, isso é fato. Se os alunos demonstram uma carência maior nessa parte, isso deve ser trabalhado.

O gráfico a seguir tem um resultado interessante, os alunos dizem que a disciplina é muito interessante, mas, pouco entendem, acham difícil, e eles acham que poderia ficar mais interessante. Então, temos muito trabalho para conseguirmos chegar a uma metodologia mais interessante e motivadora. Vemos que já estamos no caminho certo, apenas, falta mais interação e criatividade para as atividades.

Gráfico 5 – Nível de interesse quanto à LI



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Por último, não menos importante, nosso questionamento foi justamente sobre as aula; perguntamos se seria interessante para eles se trabalhássemos as 4 habilidades, e não apenas com teoria e atividades escritas, mas atividades que envolvesse conversas, interação e o mais importante, a avaliação do desenvolvimento deles.

Gráfico 6 – Aulas que abordem as 4 habilidades



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Fazendo uma síntese dos resultados, percebemos que existe sim um atraso no aprendizado desses alunos, e não estamos aqui para culpar escola, professor, aluno, etc. Estamos pesquisando para saber como estão sendo as aulas e como podemos fazer para melhorá-las de acordo com a necessidade dos alunos. A partir desses resultados, tivemos certeza de que eles gostariam de uma prática oral mais presente. Elaborar uma metodologia voltada para a prática é fundamental, não esquecendo que a teoria é complementar. Segundo Barcelos (2006, P.150)

“Ser ativo significa ser capaz de resistir, responder, mudar, lutar, ajustar-se ao ambiente e aos outros.” Ser ativo é interagir e moldar as aulas para um ambiente de prática.

Pelo que temos visto, os professores têm implementado a prática oral nas aulas de LI, entretanto, precisamos fortalecer ainda mais essa presença da prática nessas aulas, o bom é que ela se torne rotineira, por esse motivo, insistimos muito no mesmo assunto, o qual remete a oralidade cada vez mais presente na sala de aula da EP. A língua estrangeira deve ser ensinada com situações que processem a comunicação oral, utilizando as estratégias verbais e nãoverbais, entre outros aspectos, conforme os Parâmetros Comuns Curriculares Ensino Médio, PCN-EM (BRASIL, 2000). BNCC e PCN-EM, são documentos que trazem informações imprescindíveis para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, de forma que seja conciso e eficaz.

Quando estamos aprendendo um novo idioma, todo conteúdo nos ajuda. O que queremos dizer é, a partir das respostas que muitos disseram que sabem falar frases básicas, a ideia é cada vez mais mostrar mais conteúdo. Leles (2011) fez uma pesquisa sobre a metodologia das aulas de LI, e segundo sua conclusão, os alunos que trabalharam as 4 habilidades ficaram mais satisfeitos com a atividade, já os demais, que apenas traduziram o texto, sem nenhum comentário, acharam cansativo. Com toda certeza, a metodologia é uma

peça importante, o planejamento das aulas deve ser pensando de acordo com a necessidade dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as análises de materiais, pesquisa com alunos, percebemos que nosso trabalho tem grande relevância para nós estudantes do curso de formação de professores em Língua Inglesa, para os futuros professores, e para os atuais docentes que já lecionam, como também para os alunos. Logo, é preciso reforçar a necessidade de que é preciso ressignificar a metodologia das aulas de LI. De acordo com a nossa pesquisa, vimos que a professora faz essa mescla de teoria e prática oral, porém, é preciso que todos façam e com constância. Nossa foco é chegar a uma prática oral rotineira, e não aquela que são ensinadas palavras apartadas e sem um contexto, pois, para a comunicação oral, precisamos de um desenvolvimento maior.

Podemos relacionar o atraso no aprendizado com a metodologia aplicada, isso é fato. Antes, tínhamos menos ferramentas e era um tempo mais difícil para todos os aspectos que se voltavam para as aulas de LE. Entretanto, hoje, mesmo com alguns problemas, é um pouco mais fácil para ensinarmos de forma mais prazerosa e que agrade a ambas as partes. Infelizmente ainda não temos os melhores materiais, a melhor infraestrutura, tampouco a devida importância para o aprendizado da LI, entretanto, professores e alunos têm se esforçado nas condições que são impostas a eles. Apenas, devemos e queremos possibilitar um ensino de qualidade onde o professor seja reconhecido como ajudar e não como aquele que não sabe ensinar. Os alunos, da mesma forma, devem se atentar àquilo que o professor ensina, embora exista a pequena parcela que simplesmente não querem aprender. Essas dificuldades não são novidades, é por esse motivo que temos que nos adequarmos a realidades, às vezes, buscar culpados poderá demorar muito mais do que encontrar soluções.

Como destaques principais da nossa pesquisa, temos dois pontos, um positivo e outro negativo. O ponto negativo é a questão do atraso no aprendizado, alguns alunos ainda não sabem falar nem frases básicas em Inglês; como ponto positivo, é o interesse deles em entender mais sobre a LI. Realmente, aprender apenas a gramática-tradução é complicado e cansativo. É preciso trabalhar todas as habilidades que envolve o aprendizado da Língua Inglesa(LI), o afastamento da realidade desse aprendizado dificulta muito no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos nossos alunos, gerando um atraso que dificilmente será resolvido se não falarmos sobre a necessidade da ressignificação da nossa metodologia. Libâneo (2001, p.7) “A educação está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma

sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes {...}”. O professor é mediador, transmissor e capaz de mudar histórias. O professor utiliza as técnicas e segue as regras, mas a sua experiência é o que vai determinar se ele será um professor esforçado, sendo ele um bom professor, seus alunos perceberão que eles estão ali para ajudá-los.

REFERÊNCIAS:

Artigo de revista:

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Narrativas, crenças e experiência de aprender inglês. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.

CAVALCANTI, Marilda C.; DA MOITA LOPES, Luiz Paulo. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 17, 1991.

CORRÊA, Edith Santos et al. A política de formação de professores de Língua Inglesa e os desafios da prática cotidiana na escola pública. 2018.

COSTA, Giselda dos Santos. Mobile learning: explorando potencialidades com o uso do celular no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública. 2013.

DAVID, Ricardo Santos. O Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa em Escolas Públicas: O Real e o Ideal. *Revista Ciências Humanas*, v. 9, n. 2, p. 24-31, 2016.

DE ASSIS-PETERSON, Ana Antônia; COX, Maria Inês Pagliarini. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *Calidoscópio*, v. 5, n. 1, p. 5-14, 2007.

DE LIMA, Vera Lúcia Strube; NUNES, Maria das Graças Volpe; VIEIRA, Renata. Desafios do processamento de línguas naturais. *SEMISH-Seminário Integrado de Software e Hardware*, v. 34, p. 1, 2007.

DE SOUZA, Eliana Santos et al. O ensino da Língua Inglesa no Brasil. *BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, v. 1, n. 1, p. 39-46, 2011.

FRANCESCON, Paula Kracker; SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa; DE ALMEIDA BARONAS, Joyce Elaine. Variação linguística no ensino de língua inglesa. *Entrelinhas*, v. 7, n. 2, p. 209-221, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar em Revista*, p. 153-176, 2001.

Dissertação:

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas, APLIESP*, n. 4, p. 13-24, 1999.

LELES, MARIA ANDRÉIA SILVA. Repensando o ensino de Língua Inglesa na escola pública: da teoria à prática. 2011.

LIMA, Laís Teixeira; DE FONSECA SOUZA, Sonia Maria; LUQUETTI, Eliana Crispim França. O ensino da habilidade oral da Língua Inglesa nas escolas públicas. *Caderno do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 86-103, 2014.

LOPES, Moita. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, p. 11-24, 2009.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. *Série Idéias*, v. 28, p. 111-122, 1997.

Materiais da Internet:

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, parte II, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Letras. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/avril-lavigne/1837504/>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

SCAGLION, Luiz Fernando. Políticas nacionais sobre o ensino de Língua Inglesa no Brasil: o que dizem os documentos sobre a sua inserção nos currículos escolares. 2019.

Tese:

TILIO, Rogério. Língua estrangeira moderna na escola pública: possibilidades e desafios. *Educação & Realidade*, v. 39, p. 925-944, 2014.

ZOLNIER, Maria da Conceição Aparecida Pereira et al. Língua inglesa: expectativa e crenças de alunos e de uma professora do Ensino Fundamental. 2007.